

A Entrevista

Sem santo nem senha

POR JOAQUIM LEITÃO



*DR. CUNHA E COSTA — republicano historico, perseguido por occasião dos ultimos acontecimentos,
e actualmente no exilio*

N.º 5 — Numero avulso 60 reis — 3 - XII - 1913

NÃO SE ACEITAM ASSIGNATURAS

Editor e proprietario: MARIO ANTUNES LEITÃO

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Cancellaria Velha, 70 — PORTO.

A ENTREVISTA

— POR —

JOAQUIM LEITÃO

Publicação semanal de 16 paginas de texto e capa illustrada com o retrato do entrevistado. Publicará entrevistas com os homens eminentes de toda a Europa e Americas, á medida que os acontecimentos as provocarem. Occupar-se-ha da politica portugueza sem distincções de côres politicas.

Portugal: Numero avulso	60 reis
Pelo correio	65 reis
França e paizes da União Postal.	50 centimos
Brazil (moeda portugueza)	100 reis

Não se aceitam assignaturas

As pessoas que quizerem receber A Entrevista pelo correio deverão remetter adeantadamente a importancia d'uma serie de numeros, accitando-se a partir de uma serie de quatro numeros, remettida á typographia de A. J. da Silva Teixeira. Successor, Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.

As pessoas residentes no estrangeiro dirigir-se-hão ao auctor: Joaquim Leitão, 4, Rue Faustin-Hélie—Passy—PARIS.

TODOS OS PEDIDOS D'A ENTREVISTA DEVEM SER DIRIGIDOS:

PORTO — Mario Antunes Leitão, R. Cancellia Velha, 70-1.º

LISBOA — Agencia d'« A Entrevista », Largo de S. Paulo, 7-1.º

EXTRANGEIRO — Joaquim Leitão, 4, Rue Faustin-Hélie—Passy—PARIS.

A ENTREVISTA

publicará n'um dos proximos numeros uma interessante entrevista com Ferreira de Mesquita ajudante do sr. Conde de Mangualde, com quem foi preso no Porto, por occasião dos ultimos acontecimentos.

Não podemos, porém, comprometter-nos a publical-a no proximo numero, porque tornamos sempre dependente dos acontecimentos o assumpto de cada numero.



Amherst

A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 5

3-12-1913

Um Republicano Historico exilado sob a Republica

A Monarchia, processando o dr. Cunha e Costa, por delictos de imprensa, fal-o emigrar em 1891; a Republica, passando contra elle ordem de prisão, fal-o exilar-se em 1913.

Traçando a biografia de Moret, dois jornalistas hespanhoes resumiram n'esta phrase o estadista caditano: *a vida de Moret foi toda elegancia.*

Ao abrimos estas paginas, que vão ser preenchidas pela entrevista d'um jornalista no exilio com um republicano exilado, procurávamos a expressão formal em que dêssemos ao publico a chave decifradoras das attitudades de Cunha e Costa, porque... Porque sempre que um homem não se limita a nascer, bacharelar-se, instalar-se á meza redonda do orçamento e nutrir-se, até ir um dia nutrir os vermes, primeira utilidade d'essa reacção humana —, a opinião publica já não comprehende, e, encontrando-se perante um enigma, reclama a chave decifratoria.

Não queriamos, nem queremos, fazer o elogio academico d'este homem.

O exilio não é uma academia presidida pelo cantor natalicio das rainhas,

sr. Lopes de Mendonça, onde o sr. Cunha e Costa venha occupar o *fautteill* vago pela morte do sr. Ferreira do Amaral, e eu tenha de responder-lhe no estylo hospitaleiro das recepções convencionaes.

O exilio é a terra adusta a que só o sangue frio dos sacrificios pôde arrancar vida e onde desembarcam apenas os que se recusaram á adaptação, ao fingimento, ao interesse, á cumplicidade, á escravidão mental ou moral. N'este paiz das amarguras, e dos luares de fé, só tem curso um dioma — o da verdade.

O homem que emigrou foi porque quiz viver e não suicidar-se.

O homem que aportou ao exilio foi porque não quiz mentir a si proprio.

O emigrante não mandreia; o exilado não lisongeia.

A parasita desce humilhanamente até aos pés da planta que lhe pôde dar de comer; ao tronco, que apenas

governa aquella região onde está radicada, ajoelha a cryptogamica, o musgo, a repellente insignificancia vegetal.

O roble, apunhalado pelo raio, quando desaba para a desgraça não se acocóra, cae desamparado e magestoso, e no fragor da queda não pede misericórdia á faisca nem canta a belleza dos companheiros de geração, também lanhados pela tormenta.

Os elogios são para as cupulas douradas das academias, para os degraus da servidão parlamentar ou para a dór theatral dos jazigos — tres catacumbas, tres processos de empalhar o cadaver de um sêr inutil.

O dr. Cunha e Costa não morreu nem n'uma sessão d'academia, nem asphixiado n'um mandato governamental, nem na pompa funebre d'um enterro civil.

A governança é a morte dos inferiores; o exilio a sobrevivencia assegurada até aos que n'elle morram de fome ou de nostalgia.

Não queriamos, nem queremos elogiar o sr. Cunha e Costa: apenas recapitular-lhe as attitudes e d'ellas lhe fazer o processo psicologico.

Encontrámo-lo ha dezesseis annos na emigração, e todavia este homem não é o videiro minhôto nem o transmontano aventureiro, mas um ser nado e creado em plena Lisboa — Rua do Crucifixo —, n'essa Lisboa que dá, em regra, amanuenses mas não dá emigrantes.

Encontramo-lo agora no exilio, e todavia este homem não é um realista, nunca foi um palaciano, não é empregado publico corrido pela voracidade dos *arrivistas* da ultima hora, nem um official do exercito suspeito ao coronel Barrêto, nem um titular nem um capitalista que estremecesse perante a onda popular.

E', pelo contrario, um *gros bonet* da democracia, um precursor da Re-

publica, um antepassado do sr. Bernardino Machado — apesar de Cunha e Costa ser ainda neto quando S. Ex.^a já era tris-avô —, um companheiro da infancia republicana do sr. João Chagas, uma vedêta da oratoria republicana, applaudido das obscuras galerias pelo sr. João de Menezes, um *padre politico* do sr. Machado Santos, um cidadão com domicilio certo na republica quando ainda tantos outros andavam ás pontas pelos rocios da Monarchia.

Como é que esse lisboêta emigra?

Como é que este republicano se desterra?

Quem governa?

Costa Cabral?

Não.

O sr. Affonso Costa.

Então... Não comprehendem. Mas já vão comprehendêr.

Cunha e Costa é effectivamente lisboêta, nascido n'aquella mesma rua do Crucifixo onde esteve para morrer de mêdo e foi afinal sepultado em vida, n'um quarto mobilado, durante as ultimas horas do governo(?) monarchico(?) de 1910, um ministro da marinha — o sr. Marnoco.

Aos treze annos e meio, termina com distincção os preparatorios, e aos 17, — como preparatorio para a escola de Gunbloux — o curso de regente agricola, na antiga Quinta Regional de Cintra, vencendo os quatro annos de estudo em duas épocas lectivas.

Era logico — se esta vida fosse a tranquilla logica d'um ruminante —, que este joven regente agricola seguisse para Gunbloux, a doutorar-se em cebôlas e a especialisar-se na therapeutica do bacêllo, para, aos vinte annos, com umas bochechas azotadas, e uns pulsos de môço de lavoura, fazer a felicidade animal d'uma simplice herdeira rural e preencher as aspirações d'um sôgro vinhateiro, philoxerado e jogador.

Começa ahi a quebrar-se a linha apparente da logica. O regente agricola não segue cabisbaixo o sulco do arado; ergue o olhar e a aspiração para os doutos pendores conimbricenses. Será mais um bacharel? E' mais um signatario do manifesto republicano da Academia, na hora patriotica de 90.

Antes de terminar a formatura, a geração ságra-o orador, e o chefe de um dos partidos constitucionaes offerece-lhe uma cadeira no parlamento e a primeira contadoria vaga na comarca de Lisboa. Recusa. Ainda é estudante, mas já director do diario republicano portuense — *A Voz Publica*. Tem 24 annos, uma barba loura que com uns oculos d'ouro polygonaes, lhe dá um ar de joven lente, o prazer aggressivo dos principios, e 44 processos de imprensa que, pela lei de Lopo Vaz, habilitavam ao premio de dois annos de prisão, e 500\$000 reis de multa.

N'esse tempo, a monarchia estava no dia seguinte ao de uma revolução republicana suffocada — não amnistiava facilmente, como mais tarde lavrou amnistias de encomenda, para as vespas de uma revolução republicana que vingou.

Cunha e Costa emigrou.

No Brasil, para não se naturalisar e poder advogar, teve de repetir, cadeira por cadeira, todas as disciplinas da Faculdade de S. Paulo: 38 provas em 38 dias consecutivos! caso virgem que hoje o faz officialmente reputar advogado brasileiro. E' secretario da Praça de Commercio, de S. Paulo, advoga na capital Paulistana, na Capital Federal e em Santos, exerce durante annos no Rio de Janeiro o lugar de redactor do *Jornal do Brasil*, secretaria a *Imprensa*, quando a *Imprensa* era o órgão politico do colosso mental brasileiro que se chama Ruy Barbosa, — e ao cabo de oito annos de emigração no exuberante e aurifero

Brasil um publicista brasileiro dando o balanço aos valores de Cunha e Costa, inventariava assim: *E' o talento mais complexo e delicado que tenho conhecido: jornalista elegantissimo, orador sem rival na exuberancia e na graça, advogado arguto e irresistivel nas perorações que até aos proprios juizes encantam, e, a par d'isso, um coração de ouro, de uma bondade que orça pela prodigalidade.*»

Contava mais no haver grangeado no Brazil o habito de S. Thiago com que o governo portuguez, apesar da sua filiação republicana, o condecorára, por serviços relevantes á colonia portugueza; nunca usou a sua insignia, quasi ninguem o sabia.

E é tudo! nem accionista de um banco, nem possuidor de uma bella chácara, nada que indicasse presença de posses amontoadas sob a lage da avareza, na casa baixa da ambição.

Oito annos depois, voltava pobre como eu, como Malheiro Dias, como Machado Corrêa, como Bazilio Telles, que não eramos advogados nem titulares, de oito annos de nostalgias e de palustres.

Um advogado ou um medico que está mais de cinco annos no Brazil, que dispõe da facil taboleta da imprensa, que tem averiguadamente talento, e volve pobre, é um caso. Se não enriqueceu, foi porque não quiz, porque não se lembrou ou não pensou n'isso. E não. Cunha e Costa nunca me fallou em negocios, nem em concessões, nem em combinações financeiras ou industriaes, nem sequer n'um sonho de grande empreza jornalistica: mas sempre o vi a tractos com a arte, com a esthetica, com tudo quanto era intellectualismo, requinte de intelligencia, vibração espirital, sonho, arte, belleza, graça, rythmo ou fórma.

Filho d'um advogado — o dr. Elmano da Cunha — *doublé* d'um artista,

herdou do pae os dois talentos: mas o que desperdiça em vibração o artista, ganha-o em elegancia e suggestão o advogado; tudo quanto ganha o advogado, dispense-o em flores, em livros, em marfins, em filigrammas, em couros de bons ferros, em perfumes, em toda a bugiganga azul do ideal, o incorrigivel artista.

De retorno a Portugal, vem a fama, a clientella e a republica.

E bastando-lhe accommodar-se para ter uma cadeira nas constituintes, uma pasta ou uma posta, ou as duas gorgêtas da propaganda, — Cunha e Costa arreganha o dente á Republica, como mostrára os pulsos á Monarchia.

A Republica marca-o, e, quando a policia deita a rêde de 21 de Outubro, elle dá um salto e, sem se magoar nem perder o bom humor, vem cair n'uma cadeira estofada do *Pru-nier*, e saborear uma duzia de ostras.

Nada mais logico: regente-agricola, não amarrou o olhar e o espirito á rabiça da pequenina ambição de uma granja dotal; passa pelo Brazil e não se faz millionario; cohabita, pela adolescencia, a mocidade, a vida inteira, com a democracia, e não se faz governamental nem renta a popularidade jacobina.

E' um caso de elegancia mental!

Quem quizer entender e decifrar-lhe as attitudes tem de o vêr sempre atravez d'esse dandysmo intellectual.

Não é um estomago, é um feixe de nervos latinos disciplinados á sua elegante cerebração.

Muito portuguez, sentimental e poeta, raciocinará um prazer como estyllisará um auto dentro da desengommada tóga de advogado.

O corpo meão, e de uma breve myologia, é um pretexto para um cérebro. A vida physica transmuda-se em espiritualidades d'artista; os seus artigos de combate são selectas elegancias

de expressão; os seus discursos forenses rapsodias de bellas paginas, illustradas por evocações dos grandes mestres das bellas artes; a sua vida material veste um scenario exaltado de seleccões artisticas, todo elle é uma nevrologia de elegancias intellectuaes. Se fosse marinheiro, naufragaria, só para dar ao espaço inanimado o spectaculo de uma vida immolada á concepção de um libretto inedito; se fosse guerreiro, seria heroe, e quando o fossem coroar sumirse-hia para defender o nome da portaria de louvôr; se fosse poeta, escripta a vibração cymeira, a obra-prima, queimal-a-hia por desdém intellectual pelo editor.

Se lhe perguntarem o que elle quer, responderá — uma dôr que me torne elegante a morte.

Ao cabo d'um curso de regente agricola, esta elegancia mental sônhá intelligencia e não a vida do humus, trazendo da sciencia de lavar e de colher apenas o habito de educar as rosas; ao cabo da formatura em Direito, não vê a contadoria — encontra-se na elegancia civica do jornalista querellado; no Brazil a mesma elegancia mental não o deixa descobrir o vélo d'oiro; na Republica não vê o socego mas o exilio.

Um homem d'estes é, na verdade, indomavel pelos processos rotineiros com que o Poder costuma narcotisar os adversarios. E ao encontrá-lo no exilio, eu não tive a menor surpresa. Só me surprehenderia encontrá-lo n'uma repartição publica.

Agora já decerto comprehendem como este republicano está no exilio estando o regimen republicano de posse dos sellos do Estado, e no poder alguns homens que ainda não eram nascidos para a politica nem para a democracia, e já Cunha e Costa engatinhava para a cadeia, por delictos de imprensa.

ENTREVISTA

COM O

DR. CUNHA E COSTA

O partido republicano e o sr. dr. Cunha e Costa—Collaboração de Cunha e Costa na legislação republicana do Governo Provisorio—O antigo propagandista republicano desenganado da viabilidade da republica portugueza—A sua fuga de Lisboa—Declaração da sua actual indiferença pelas formas de regimen—O que vae fazer agora o dr. Cunha e Costa—As suas previsões sobre a politica portugueza—A admiravel resistencia da raça portugueza—Portugal não morre—A restauração da monarchia é inevitavel como dos males o menor, affirma-o o antigo e historico republicano sr. dr. Cunha e Costa.

Havíamos deixado, ha annos, o dr. Cunha e Costa a cantar os feitos do Gama, n'uma esculptural conferencia pronunciada n'um estrado patriotico da colonia portugueza de S. Paulo. Desde então, não saberíamos, se quizessemos, reconstituir-lhe a vida, como habilitados estavamos até então a resumir-lhe a vida nos nostalgicos longes da emigração.

O seu regresso a Portugal como o recebeu o fóro e a critica theatral—Porque deixou de escrever no « Seculo ».

Nem sequer sabendo encarrear o seu retorno á terra pátria e á actividade partidaria, e desejando reatar o fio d'essa vida, desde que volta ao

jornalismo republicano até que assigna no *Dia* o *Anno Politico*, foi por esta pergunta que começamos esta entrevista:

— Porque regressou a Portugal?

— O meu regresso a Portugal — historia Cunha e Costa —, é um caso typico de nostalgia pátria. Os meus nervos chegaram a uma tal desafinação que quando, por acaso, de uma janella do meu quarto que dava para a bahia do Guanabara, avistava a bandeira azul e branca, desatava a chorar. A certa altura, a medicina declarou-se impotente para debellar a nevrasthenia que me ia consumindo. Nem massagens, nem *douches* escossezas, nem longos passeios, nem distrações, nada. Acabei por só poder sair amparado a um braço amigo. Parecia um velho! Ah! a patria, meu amigo: que espiga e que delicia! Um dia, inesperadamente, entra-me pela casa dentro o dr. Fernando Mendes d'Almeida, director do *Jornal do Brazil*, e que sempre teve por mim uma grande ternura: «*Quer ser o correspondente litterario e politico do «Jornal do Brazil» em Lisboa?*» Agradei, acceitei e regressei ao paiz. Nas alturas da Bahia já estava curado.

— Que atmospheria encontrou no seu regresso á patria?

— A que mais um concorrente sempre encontra: indifferente ou hostile. Mas isso nunca me assustou: faz parte da sopa, vacca e arroz da vida. Lancei-me abertamente e sem muletas, no jornalismo, no theatro e na advocacia. Lembro-me bem que ao traduzir, para o então *Theatro D. Amelia*, o *Adversario*, de Capus e Aréne, a critica, composta, na sua maior parte, de mendicantes de traducções, duvidava... que eu soubesse francez! Como o que tem de ser tem muita força, a concorrência foi-se pouco a pouco accomodando, e annos depois a critica mimava-me, o

Seculo convidava-me para o seu *leading article* e a clientella affluia ao meu escriptorio.

— Que politica fez no *Seculo*, republicana?

— Nunca ali fiz *politica*, no corrente e baixo significado do vocabulo. Collaborei no *Seculo*, durante o periodo agudo da famosa questão dos tabacos. N'essa phase aquelle jornal defendeu, com inteira independencia de todos os partidos, supponho, os verdadeiros principios liberaes. Foi uma campanha brilhante e que o collocou muito alto. De resto, n'essa época, o *Seculo* ajudou sempre certos republicanos. Não é esta a oportunidade de dizer quaes nem porquê. E' um facto, e tanto basta.

— E porque deixou o *Seculo*?

— Por não concordar com a sua orientação, quando elle se pôz decididamente ao lado do franquismo. Simples divergencia de vistas que em nada alterou as minhas relações pessoais com o seu director. Presenti a catastrophe que se approximava; elle, não; eis tudo!

Como o sr. dr. Cunha e Costa apparece collaborador do «Mundo».

— E como passou a colaborar no *Mundo*?

— Depois do 28 de janeiro, com que aliás nada tive. Sempre o amor aos principios e a tendencia irresistivel para o fraco. O franquismo amordaçara a imprensa e prendêra, entre outros, o director do *Mundo*. D'elle recebêra os maiores aggravos pessoais, é certo, mas tambem é certo que perante as liberdades publicas ameaçadas nem em tal pensei. Ao *Mundo*, por intermedio de um amigo commum, offereci desinteressadamente os meus serviços, até que ao seu director fosse restituída a liber-

dade. Tinha seus perigos, n'esse periodo, um tal offercimento! Tivesse ou não tivesse, foi aceite. A tragedia de 1 de fevereiro deu a liberdade ao sr. França Borges. Agradeceu-me e convidou-me a proseguir; proseguí.

— Foi uma constante e energica collaboração essa sua no *Mundo*...

— Foi. Mas nunca qualquer campanha de imprensa, por mais violenta, me trouxe inimigos pessoases. Em primeiro lugar, as pessoas sempre me preocuparam muito pouco. Só agora, aos quarenta e seis annos, depois d'esta descaroavel perseguição com que me brindaram, comprehendo que se possa detestar alguem. Em segundo lugar, a polemica mais accêsa, desde que a elegancia litteraria lhe quebre as arestas, raras vezes deixa ferida incuravel. Em terceiro lugar, nunca ataquei quem quer que fôsse na sua honra ou reputação sem possuir a prova, quasi evidente, da accusação. Finalmente, sempre reputei indeclinavel dever de consciencia a retractação de uma accusação injusta. Tudo isto dá, logicamente, a resultante que até certo ponto surpreenderá muita gente.

A historia da eleição de Cunha e Costa para vereador da camara municipal de Lisboa.

— Vamos agora, depois de historiado o seu regresso ao jornalismo politico, á sua actividade partidaria: a sua eleição de vereador do municipio de Lisboa.

— Ah! muito engraçada essa historia, a que o comico e até o grotesco não foram estranhos. Estava eu em Paris, quando, encontrando-me, por acaso, com o sr. Francisco Grandella, este me declara que tendo sido convidado para fazer parte da lista official do partido, só accitaria se eu

tambem accitasse. Respondi-lhe que não seria eu quem privasse a cidade de Lisboa de um representante da sua iniciativa e actividade; mas por ali ficamos, nunca eu suppondo que viria a ser, como fui, seu collega na vereação.

— E depois?...

— Depois o que se passou vale a pena ser contado (*Cunha e Costa, no seu gesto peculiar, fechou o caminho a uma gargalhada, voltou todo o perfil, engelhou a testa, fitou-nos como que a considerar se a nossa duvida ainda mexia, e, por fim, desprendendo os beiços, contou*): — Chego a Lisboa, e um bello dia entra-me no escriptorio, com o ar dos grandes dias, o sr. dr. Augusto de Vasconcellos. Armava em meu amigo e *salvador*, e para me dar um testemunho eloquente da sua boa vontade *intimava-me*, em nome do sr. dr. Brito Camacho, a *renunciar* á candidatura de vereador, que me ia ser offerecida, *sob pena* de uma *campanha pessoal* na *Lucta* que seria a minha *morte moral*. Desatei a rir. O meu amigo bem sabe que tenho a combatividade no sangue! Limitei-me a replicar: «*Meu caro sr. dr. Augusto de Vasconcellos! ha tres annos, pelo menos, que essa campanha me está promettida e eu com immensa vontade de a conhecer e afrontar. Comprehen-de, portanto, que não deixarei escapar esta occasião sem lhe pegar pelos cabellos. Venha de lá, pois, o enxurro e acabemos com isto. Agora é que só a tiro eu largaria a candidatura!*»

— E venceu.

— Já se vê que sim! E a respeito de campanha... *tres vezes nove... fôra nada!* De resto as campanhas da *Lucta* parecem-se todas com aquelle importantissimo *stock* de documentos em poder do sr. dr. João de Menezes proveniente do espolio do fallecido Mariano de Carvalho: quando algum vem á luz provoca universal hilarie-

dade. Não se lembra da famosa carta do fallecido rei D. Carlos com que o sr. dr. João de Menezes se propunha fulminar o monarcha e a monarchia? Se o sr. dr. Affonso Costa não acóde, á ultima hora, com um *quite*, era uma vez um João de Menezes!

— Mas não lhe fizeram o sr. Camacho e o sr. João de Menezes, pela calada, uma guerra inclemente?

— Ah! isso fizeram. Tiraram-me, ao todo, ... trinta votos! Era, mais ou menos, a força eleitoral d'esses senhores, em Lisboa, se trabalhassem sózinhos, não contando, é claro, com a que o sr. João de Menezes, para assegurar a propria candidatura e *comer os correligionarios* ia pedir, nas ultimas eleições da monarchia, ao sr. José d'Azevedo Castello Branco, invocando, entre outros argumentos, o ainda ser *primo*, em grau remoto d'aquelle estadista monarchico...

— Uma vez eleito vereador do municipio de Lisboa, prestou n'esse lugar alguns serviços á republica?

— Então não prestei! Principalmente o de manter a mais perfeita harmonia no Congresso Municipalista de 1908, onde encontrei para progressistas, regeneradores e republicanos uma formula d'accordo votada por aclamação. No resto fui *carneiro do regimento*. Nunca embarcei a accção dos meus collegas que, valha a verdade, e até á proclamação da republica, foi cordata, isenta de sectarismos e até fecunda.

Cunha e Costa liberta-se da disciplina partidaria — O 5 de outubro nem o encontra na redacção do «Mundo» nem na Rotunda.

— Mas á data da proclamação da republica já se declarára *republicano suuelto*, sem compromissos partidarios.

— Absolutamente. A proposito do

Credito Predial e da defêza, que aceitei, do infeliz José Bello, o partido, misturando a advocacia com a politica, quiz impedir-me de exercer a minha profissão, sob o pretexto de que o meu cliente ajudára a fazer a chapelada do Peral. Já se deixa vêr, repelli energicamente a intrusão. Valeu-me isso a sahida do *Mundo*, uma moção velhaca dos corpos dirigentes do partido e uma carta minha em que os mandei cortez mas peremptoriamente passear.

— Tomou parte no movimento do 5 de outubro?

— Nenhuma. Totalmente o ignorava.

— Como assim! Não estive na Rotunda? Pois haverá alguém que não tivesse estado na Rotunda?

— Não só não estive na Rotunda, como só lá não estive nos dias 4 e 5 de outubro. Antes e depois passava todos os dias por lá. Morava na rua Thomaz Ribeiro. Já vê que não se póde ser menos revolucionario.

O dr. Cunha e Costa redigindo a proclamação da camara municipal de Lisboa e collaborando na obra legislativa da Republica.

— O que fez nas chamadas jornadas revolucionarias?

— Fui pontualmente á Camara Municipal. Por signal que no dia do duello entre a Rotunda e as baterias de Queluz sahi de lá na companhia dos srs. Carlos Alves e Ventura Terra e vi-me doido para chegar a casa. Na manhã da proclamação da republica para a Camara Municipal fui e alli servi de secretario ao sr. Affonso Costa. De tarde e durante dois ou tres dias auxiliei no que pude o sr. dr. Bernardino Machado. Como me sabiam catholico e bom catholico man-

daram-me tranquillisar os Inglezinhos e outros padres estrangeiros. De uma das vezes ia no meu automovel um marinheiro armado. Meu pae pretendia fazer de mim um official de marinha. Que pênna! Haveria a estas horas mais um navio encalhado!

— Qual foi a sua attitude perante a proclamação da republica?

— Desde as primeiras horas um presentimento funesto que guardei para mim. Ajudei o regimen quanto possivel. Fui eu quem redigiu a proclamação da Camara Municipal ao povo de Lisboa, recomendando piedade e moderação. Mais tarde collaborei, com a maior lealdade e absoluto desinteresse, na obra legislativa do sr. dr. Affonso Costa. São meus os projectos do divorcio, liberdade de testar e as garantias essenciaes das leis da familia, já consagradas na velha jurisprudencia ou acceites pela consciencia publica.

Porque discordou o sr. Cunha e Costa da marcha da Republica.

— Quando se declarou em opposição á orientação seguida pela republica?

— Quando vi os responsaveis pela sua consolidação e progressos trahir, successivamente, toda a obra da propaganda; quando, pasmo de tristeza e indignação, assisti á absurda e turbulenta campanha contra os *adhesivos*; quando vi a republica divorciar-se do paiz, e converter-se no fomento dos interesses de uma casta fechada, de uma oligarchia, de um bando de dentes vorazes e muito alimento; quando vi a republica reinicidir, aggravando-os, em todos os erros que haviam perdido a monarchia; quando o novo regimen entrou estouvada e sectariamente n'uma politica religiosa que a consciencia publica

e a razão de Estado excluía; quando uma taboa raza dos elementares dictames do patriotismo e uma ignorancia que aterra pretenderam escamotear *d'emblee* oito seculos de historia, e assignalar, por nascimento á nação, o dia 5 de outubro de 1910; quando, por mêdo, mêdo physico, mêdo de uma insignificantissima minoria desvairada o antigo pavilhão portuguez, muito formoso e muito amado, foi substituido por uma bandeira que só os incomodos e vexames de um processo e os receios da cadeia podem impôr; quando ao provimento de todos os cargos da republica vi presidir o *arranjismo*, cada qual tratando de anichar, com impudor nunca egualado pela monarchia, os parentes, amigos e adherentes. Desde que tudo isso e o resto vi, que queria que fizesse um homem que servia a republica por dignidade e progresso da nação? *Salvar-se!* Foi o que fiz. E consegui-o, meu caro amigo! Emquanto outros se *atascavam* até ás orelhas no desprezo publico, eu mantinha, á custa de grandes sacrificios, mas mantinha, a estima dos meus concidadãos.

— N'esta sua phase de 910 a 913 tem tido varios bellos-gestos: de todos o que o deve ter consolado mais, é uma defeza em que foi o advogado não de um constituinte monarchico, mas o patrão de todos os portuguezes — a sua campanha pela antiga bandeira nacional!...

— Fil-a com toda a vehemencia e paixão do patriota, e todo o ardor consciente do homem politico que quer acautelal de um erro. Cheguei a alcançar da camara municipal um voto favoravel que, naturalmente, se perdeu no *surenchère* da demagogia.

— Ora diga-me uma coisa: e a sua candidatura ás Constituintes?

— A minha candidatura, apresentei-a por comprazer com um capricho

do meu filho mais velho, mas antecipadamente certo de que me roubariam a eleição. E roubaram, em cheio, graças a uma serie de chapeladas em Anadia, Oliveira do Bairro, *et reliquia*, que deixaram a perder de vista o famoso Peral. Meu filho estava desolado; eu ria como um perdido. Sentia, como sempre, no caso a discreta Providencia que sempre me protegeu. Supponha que tivesse sido eleito: acontecia-me cousa identica ou parecida á que occorreu com Eduardo de Abreu e o meu excellente amigo o sr. dr. Egas Moniz. Era natural até que me acontecesse peor. A primeira vez, por exemplo, que o sr. dr. Afonso Costa ameaçasse a Camara de se ir embora, eu bradar-lhe-hia do meu lugar: «*Pois vá que não faz cá falta nenhuma!*»

Cunha e Costa tenta travar a carreira demagogica — No jornalismo — As suas defezas de accusados monarchicos — Aspectos dos tribunaes marciaes.

— De que modo procurou contrariar as tendencias demagogicas da republica?

Directa e indirectamente. Directamente nos artigos publicados n' *O Dia*. Indirectamente, em conferencias litterarias realisadas no «Theatro da Republica», no «Theatro S. Carlos», no salão do «Arcada de Londres», e, sobretudo, nos tribunaes marciaes e communs, defendendo varias vezes accusados de crimes politicos.

— Era absolutamente independente a sua acção?

— Absolutamente. Moreira de Almeida nunca sollicitou a minha collaboração: era eu quem expontaneamente lh'a enviava, não me preocu-

pando sequer com a revisão das provas. Escrevia no *Dia* porque era o unico jornal que me publicava, na integra, a prosa. Essa era a razão da preferencia, sem embargo, é claro, da profunda estima e admiração que tenho por aquelle jornalista.

— A sua acção nos tribunaes marciaes e communs em defeza dos accusados por crimes politicos causou em Portugal e no estrangeiro a maior impressão...

— Sem vaidades, que agora seriam descabidas e tólas, era justo que causasse. Dei-me todo a esses processos, menos pelos accusados do que pela causa das liberdades publicas em Portugal. No processo do medico militar Carlos Lopes, no do alferes Franco, accusado de matar o guarda-portão do *Mundo* na madrugada de 5 de Outubro, no do infeliz Luiz de Souza Amorim, em que apaixonadamente me interessei tambem pelos accusados Manzoni de Sequeira, Mimoso Ruiz, no de um policia cujo nome agora me não ocorre, e, finalmente, no famoso julgamento da chamada *conspiração de Coimbra*, que durou quinze dias, joguei duas vezes a vida e sempre a saude. No processo da *conspiração de Coimbra*, ao terminar a peroração, julguei que a alma me saltasse para fóra do peito. Sentia o coração bater como se o tivesse allí na mão. No processo Carlos Lopes escapei, por um triz de ficar no campo de batalha como o meu illustre collega, o conselheiro Albano de Mello ficou em Coimbra, no julgamento do *complot* de Aveiro...

— Quem o salvou?

— Gente bem humilde! gente do povo. Operarios. Permitta-me que lhes occulte os nomes. Actualmente, na nossa terra, não ha garantias para a gente boa.

O primeiro presentimento de Cunha e Costa — Uma phrase do sr. dr. Affonso Costa.

— E tudo isso não lhe deu o presentimento de que, mais dia menos dia, a demagogia se vingaria?

— Certamente. Mas o homem publico que subordina a sua acção patriótica ás conveniências da pelle ou da bolsa, melhor fôra que ficasse em casa a fiar o linho ou a fazer recortes á serra mechanica, em tamos de caixas de charutos. Uma alma chegada ao puro amor da liberdade encontra no perigo e no soffrimento uma especie de voluptuosidade. Dias depois da minha conferencia no Theatro da Republica, sobre a Separação da Igreja do Estado, avistei-me com o sr. dr. Affonso Costa, a proposito de um negocio forense. A' sahida, elle disse-me, com um d'aquelles sorrisos cuja significação eu e poucos mais conhecemos: «*Olha que a tua conferencia sobre a separação fez-nos mais mal do que uma invasão de Paiva Couceiro!*» Não respondi, mas fiquei sciente. Esperei despreoccupadamente o salto. Poderia ter vindo antes ou depois. Nem antes nem depois: veio agora.

O sr. Cunha e Costa a caminho da fronteira — A sua fuga.

— Veio agora sobre os acontecimentos de 21 d'outubro. Teve alguma participação n'esse movimento?

— Nem d'elle sabia. Passára dois mezes no estrangeiro, e a maior parte d'esse tempo na Suissa e na Italia. Nunca estivera tão longe da politica. Excepcionalmente parára em Paris apenas o tempo preciso para fazer compras. Arranjo sempre as cousas de modo que sáia de Paris

n'uma sexta-feira, chegando a Lisboa n'um domingo, que aproveito para pôr em ordem os negocios do meu escriptorio. Assim fiz: parti de Paris a 17; cheguei a Lisboa na madrugada de 19; no dia 19 não sahi de casa; a 20 fazia annos; não sahi de casa. A 21, pela 1 hora da tarde, fui tranquilamente para o meu escriptorio; ás duas, mais minuto, menos minuto occorria a torpeza...

— Teve algum aviso para sustar o seu regresso ao paiz?

— Nenhum. Apenas presentimentos de pessoas amigas. Não lhes dei ouvidos. Segui o meu destino. O que tem de ser tem muita força! Nem elles pretendiam processar-me: o *mandado de captura* equivalia, no caso, á *certidão de obito*. Tencionavam *liquidar-me* na passagem de casa ou do escriptorio para o governo civil. O grito *mais humano* dos meus perseguidores era este: «*Partem-se-lhe os dois braços!*»

— Como conseguiu escapar?

— Com a coragem fria que distingue a coragem civica. Com a cara que está vendo, sem o mais ligeiro disfarce. Puz n'isso uma certa *coquetterie*. Eu detesto a morte porque é feia. Não imagina a impressão desagradavel que me causa a ideia de morrer com a barba por fazer! O meu automovel foi detido um sem numero de vezes. De todas essas visitas sahi incolume e sorrindo. Não se admiram impunemente Rostand, e o Cyrano. Ninguem me reconheceu. É que eu, meu amigo, nunca fui popular. Os homens que nasceram para dirigir os povos honradamente e sem fazerem da mentira o seu instrumento de governo só são populares... depois de mortos! Em regra a popularidade é o apanagio dos histriões da politica. Foi bem accidentada essa viagem, é certo. Hei-de contar-l'ha um dia. Agora não posso, ha

gente prêsa por causa d'ella, isto é, ha gente prêsa por ter auxiliado a fuga... de um innocente! Estas monstruosidades juridicas só em Portugal occorrem! A travessia da fronteira foi um poema! Mas fez-se e até com certa elegancia! Só tive um calafrio. Foi depois! Veio naturalmente a *dé-tente* dos nervos sobreexcitados. Para isso, porém, tinha o remedio perto: a cathedral de Badajoz! Lá fui desabafar. Dez minutos depois estava prompto para outra!

A futura attitude de Cunha e Costa.

Effectivamente, este homem parecia prompto não para outra, mas para muitas. Acariciou o alfinete da gravata, como quem ao sair de um perigo ou de uma lucta verifica a compostura da sua *toilette*, e appoiou os braços muito tranquillamente sobre a meza na attitude de viajante que espera apenas a hora da partida, sem precisão de consultar horarios nem perguntar rumos, senhor de que segue o destino logico.

— Que tenciona fazer agora? — perguntamos-lhe.

— O meu dever. (*E, olhando o anel, brincando uns minutos com elle, no gesto distrahido de homem que não precisa de estudar a resposta*): Ah! tem os seus sacrificios o dever, e não digo que não custe á gente desprender-se e separar-se d'algumas coisas agradaveis da vida. Assim que seirá feito das minhas rosas? E os meus quatro queridos cães S. Bernardo? Oh! comtanto que ladrem á demagogia é o que importa! Proseguirei sósinho e d'esta vez com dobrada inergia na minha campanha contra á demagogia.

— Sósinho?

— Como sempre. Independente de regimens, de governos, de coleiras e

de mulêtas. Tenho a solidariedade da nação. E' essa que precisa ouvir-me, e para poder falar-lhe de alto e com a necessaria eloquencia, careço de uma inteira independencia de espirito, incompativel com a intriga politica, as rivalidades e ambições dos homens. Não sou um agitador vulgar: é preciso que de uma vez para sempre d'isso se convençam. Se me mandarem alliciar uma patrulha, succumbirei miseravelmente no intento. Sou um temperamento methodico e organisador, um temperamento de ordem, disciplina, governo. A minha pretendida eloquencia assenta sempre sobre a documentação de um facto e é apenas a adaptação perfeita de uma sensibilidade vivaz a um forte raciocinio. Assim, não é nem britannica nem latina, mas a discreta dosagem das duas. A minha acção será a de um patriota que defende, não já exclusivamente em nome do paiz, mas da humanidade, as liberdades e garantias essenciaes de uma civilisação, a sua soberania, o seu patrimonio. Se esta campanha poder ser aproveitada por um movimento fortemente conservador dentro das actuaes instituições portuguezas, tanto melhor. Se com ella a restauração monarchica aproveitar, pouco se me dá. A questão das formas de governo é-me hoje absolutamente indifferente. Todas são boas ou todas detestaveis conforme fazem a fortuna ou a desgraça das respectivas nações. Demais, porque occultar-lh'o? Tenho uma grande confiança na propria iniciativa, actividade e até na minha *estrella*, que nas mais afflictivas horas da minha vida nunca me abandonou. *Bref*, como dizem os francezes, precisamente porque me conservarei estranho a tudo quanto possa perverter a razão fria, ficarei em condições de, n'um dado momento, servir de traço de união ou termo de conciliação en-

tre interesses, ambições ou modos de vêr aparentemente incompatíveis. Já não é primeira vez que a minha intervenção no fóro e na politica concerta e reconcilia. Não será de certo a ultima.

Situação actual da politica portugueza — Fallencia dos srs. Brito Camacho e Antonio José d'Almeida.

— Quaes as suas previsões ácerca da politica portugueza?

— Talvez Madame de Thebes ou Madame Brouillard lhe podessem responder com maior precisão. Entretanto, e sendo certo que nenhuma das minhas previsões ainda falhou, vou-lhe dizer o que penso. Principiarei por confessar-me (não se ria) perfeitamente optimista. Tenho a mais absoluta confiança no futuro da Nação. Tem os sete fôlegos de gato... e mais um. Resistiu ao dominio castelhano, resistiu ás invasões francezas, ha-de tambem resistir á conquista jacobina. Dentro ou fóra da republica o actual estado angustioso da politica portugueza não perdurará. Se n'este momento me offerecessem a situação do sr. dr. Affonso Costa com uma grande fortuna eu não a trocava pela minha. Os que pensam o contrario não vêem um palmo adiante do nariz. Ou a cachexia senil os prostou ou, inteiramente desnacionalizados, perderam qualquer contacto com as forças vivas do paiz. Portugal, n'esta hora, é um tigre agachado e á espera da oportunidade para formar o salto. A actual situação é incompativel com a ordem publica, no verdadeiro significado do termo, e os regimens incompatíveis com a ordem publica são, por todas as classes, indistinctamente execrados. Commercio, lavoura, industria, agricul-

tura, aristocracia, clero, operariado, sciencia, arte, e até o exercito e a armada, a grande massa popular detestam, por egual, o governo da demagogia; na hora em que poderem ser-lhe bons, ai dos demagógos! Entre os proprios que o governo reputa seus partidarios ha dezenas de creaturas que ostensivamente lhe sorriem e, por detraz da cortina, rangem os colmilhos, promptos a afiarem-lh'os na pelle. A situação portugueza, meu amigo, é precisamente o da França nas vesperras do 9 Thermidor. Quem assim a não vê é... tolo! A republica só poderia salvar-se...

— Em que hypothese?!

— Por via de um movimento fortemente conservador que a fizesse arrepiar carreira, e voltar ao ponto de partida. Porém, esse movimento reclamaria o apoio de uma grande parte da opinião indifferente ou hostil e importaria o regresso, a um plano subalterno, da quasi totalidade dos homens que até agora tem pretendido dirigir a opinião e que inteiramente carecem de quaesquer qualidades de governo. Não nos illudamos, meu amigo: nem o sr. dr. Brito Camacho nem o sr. dr. Antonio José d'Almeida poderão contrariar a corrida vertiginosa da republica para o abysmo. A Sazão de o fazerem já passou, e o homem de Estado que deixa perder a oportunidade de affirmar o seu golpe de vista e a sua energia nunca mais a encontra. As cousas não estão para o sr. dr. Brito Camacho, que é um baixo intrigante, nem para o sr. dr. Antonio José d'Almeida, que não passa de um eloquente tribuno da plebe. Poderiam, quando muito confiar a mãos habeis a força de que dispõem e incorporar-se elles proprios na fileira, como simples soldados. A subida de qualquer d'elles ao poder (veja a isempção com

que lhe fallo) não faria senão precipitar a queda da republica!

O sr. Affonso Costa: o unico homem da republica.

— N'esse caso, emquanto as condições politicas se não transformarem radicalmente, o governo do sr. Affonso Costa é o unico governo possivel?

— Indubitavelmente. A Republica hoje, em Portugal, vive exclusivamente pelo terror que as suas leis de excepção, as suas penitenciarias, os seus carceres, as suas devassas e os seus carbonarios inspiram a uma opinião cujas energias uma paz octaviana de oitenta annos adormetára. Ora o homem do terror é, evidentemente, o sr. dr. Affonso Costa. D'elle não que esperar nem quartel nem piedade, ha e os desgraçados que, para conquistar-lhe as boas graças, se lhe mettem debaixo dos pés, apenas conseguem aggravar com a ignominia publica a pena inevitavel! Aproveita-lhe a retratação e depois, n'um revez de mão, dá-lhes uma bofetada que completa com um escarro. E' bem feito; n'este gesto estou com o sr. dr. Affonso Costa. Elle não acredita em Deus, de quem se ri, nem no Diabo, que apparenta servil-o. Nada o detém, os gritos de dôr, as lagrimas, e os soluços só servem para exasperal-o ainda mais. Em vão se procura n'aquelle homem uma fibra humana: não a tem, e a sua insensibilidade physica eguala a moral. E' um Nero mestiço de chinez. D'ahi a sua audacia verdadeiramente demoniaca! Nas energias e reacções da nação não acredita, e senhor da perfeita mediocridade dos homens que o cercam tem por elles um desprezo que orça pelo vômito. Estou a vêr d'aqui o riso escarninho com que acaba de *vexar*, na recente farça eleitoral, os srs. dr. Brito Camacho e Antonio José

d'Almeida. Porque não os venceu, vexou-os.

— Mas não esteve o sr. Brito Camacho alliado ao sr. Affonso Costa? Dois alliados ou se estimam ou se respeitam a força.

— Ah! meu amigo! o sr. Brito Camacho foi um dos que cercou o sr. Affonso Costa é certo; por isso mesmo participou do desprezo que o sr. Affonso Costa reserva aos que o cercam.

— E o sr. João de Menezes?

— Por esse o sr. Affonso Costa teve sempre a indifferente consideração que se tem pelos cretinos. Tanto que nunca perdeu tempo a combatel-o. O sr. João de Menezes é a hera do sr. Brito Camacho. Decepado o tronco, foi-se embora a hera!

— Reatando.

— E concluindo: accrescente a isto tudo quanto venho dizendo, a noção perfeita que o sr. dr. Affonso Costa tem da sorte que o espera na hypothese, quer de um movimento dentro da republica, n'um sentido accentuadamente conservador, quer na de uma restauração monarchica. Quem se importaria com o sr. dr. Brito Camacho?

Quem se lembraria de perseguir o sr. dr. Antonio José d'Almeida? Quando muito far-lhe-iam o que vi fazer hontem n'um theatro a um cavalheiro de especial estomago que engolia rãs mas só provisoriamente para as tornar a vomitar vivas! Mas qual seria o homem de Estado de pulso bastante forte para impedir hoje, em Portugal, a vindicta publica contra o sr. dr. Affonso Costa? Eu, se elle se acolhesse a minha casa, decerto lhe daria asylo, mas correndo o risco de nos matarem a ambos, se porventura o descobrissem! O sr. dr. Affonso Costa, defendendo a republica, seja como fôr, defende a propria vida, e assim o entendem tambem os que lhe dão

apoio e sabem correr o mesmo risco.

—Mas o sr. dr. Affonso Costa, correndo conscientemente esse risco, não olhará sobretudo a salvar a republica? Elle se quizesse poderia pôr-se a salvo no estrangeiro..

—Conheço o argumento que só serve para quem desconhece a psychologia do sr. dr. Affonso Costa. O actual chefe do governo possui hoje uma grande fortuna que lhe permitiria retirar-se tranquillamente para o estrangeiro; mas décupliquem-lh'a, exilando-o, e verão que todo esse ouro só servirá para lhe doirar os primeiros dias do exilio. Expatriar o sr. dr. Affonso Costa, tirando-lhe o poder de mandar, e privando-o d'aquelle infernal prazer de opprimir que n'elle é verdadeira psychose, é matá-lo. Só supporta o exilio com nobreza, e até com certa voluptuosidade o homem que a consciencia de uma nobre missão a cumprir sustenta. O exilio é uma especie de pedra de toque das almas. As inferiores succumbem miseravelmente, só as superiores se affirmam e absorvem no infinito como os columnélos gothicos. Comprehende-se de que modo e por quanto tempo Victor Hugo supportou o exilio. Trouxe de lá a *Lenda dos Seculos*. Mas que faria o sr. dr. Affonso Costa no exilio? A *Lenda dos Capuzes*?

—Mas o dr. Cunha e Costa, que o conheceu de perto, diga-me: que opinião tem do valor intellectual do sr. dr. Affonso Costa?

—E' uma intelligencia regular, que facilmente assimila o que lê ou o que ouve. A sua cultura geral é menos que mediocre: é dos homens publicos mais ignorantes da Europa. De resto não tem tempo para lêr: a intriga politica absorve-o inteiramente. E do pouco que lê só aquillo cuja orientação antecipadamente sabe não

contrariar a sua. E' um espirito com uma só face: especie de moeda sem cruces. Escreve detestavelmente: varias vezes tentou secções no *Mundo*, que teve de largar. Como orador carece inteiramente de elevação de pensamento, de elegancia litteraria e até de grammatica. Os seus discursos, mesmo depois de polidos e repolidos, são intragaveis. Mas suppre, até certo ponto, pelo *movimento no ataque pessoal* todas as qualidades oratorias que lhe faltam. De resto, um atrevimento que orça pelo inverosimil e uma audacia que assombra. A mania de conquistar os espiritos simplistas, incultos, preguiçosos e incapazes de raciocinar, é a affirmação *dogmatica* até do absurdo. D'ahi, dada a composição do poder legislativo e executivo na republica, a facilidade com que ambos acolhem as mais incriveis mystificações do chefe do governo. E' que nem sequer pensam em discutilas: — «O Affonso disse que havia *superavit*; logo... ha *superavit*!» Aqui tem o estado mental da gente republicana. Mas não o estranhe. Era tambem o da Convenção durante o Terror!

A restauração monarchica: é o futuro politico que a Portugal assignala o republicano historico sr. dr. Cunha e Costa

—E se dentro da republica fôr já inexequivel o movimento em que me fallou ha pouco?

—A restauração monarchica é inevitavel, quaesquer que sejam as divergencias de vistas, os conflictos ou as intrigas entre a gente monarchica. E' inevitavel *comme un pis aller*, mas é inevitavel. E' inevitavel por exclusão de partes. E' inevitavel... porque é! Dizer-lhe todas as

razões porquê, equivaleria a escrever um volume de 300 paginas.

— Não é preciso e chega para os jornaes republicanos lhe dedicarem a si as palavras que endereçaram a Fialho d'Almeida, a Bruno, a Bazilio Telles, que em todo o caso nunca levaram os seus raciocinios tão longe.

— Ah! é-me indifferente. Antes de eu dizer isto que acabo de affirmar-lhe, já o órgão do sr. presidente do conselho me tratou por... *o Cunha e Costa*. Ora eu nunca auctorisei o sr. dr. Estevão de Vasconcellos a dar-me semelhante tratamento. Esse Senhor deve-me pelo menos *excel-lencia*, visto como nunca lhe recusei *vocemecê*. *(E deixou cair os hombros n'um gesto de indifferença. Depois ergueu-os de subito, n'um renovamento de energia combativa, e, erguendo a voz, sem irritação, erguendo o olhar, erguendo a alma, irrompeu):* Não me detém, porém, a insolencia nem os ataques.

— Quem havia de dizer que havia de ser um republicano historico que, tres annos depois de proclamada a republica, vaticinaria a restauração monarchica! — *dissemos nós* — se esta entrevista fôsse com um monarchico haviam dizer que era propaganda e *sebastianismo*...

Então, o dr. Cunha e Costa, n'um d'esses rasgos em que as figuras humanas attingem a sua suprema grandeza, como se um esculptor poderoso as tivesse alteado no Sóclo da Historia, exclamou:

— Pertença á Causa Publica. As minhas palavras não proveem d'um caminho premeditado. Devo-me á minha probidade intellectual. Nunca menti. E muito menos agora. Mentir a um povo é envenenar uma patria. Por fallar claro e verdade é que estou aqui. Hei-de sahir d'aqui e voltar a Portugal, mercê d'este mesmo culto e d'esta mesma fé no poder da verdade!